

## ESPAÇO E TERRITÓRIO EM SPITALFIELDS: PERCEPÇÕES LOCAIS E PRÁTICAS MUNICIPAIS\*

Catherine Neveu\*\*

Tradução: Yara Aun Khoury\*\*\*

Situada no coração de Londres, a um pulo da *city*, Spitalfields (London Borough of Tower Hamlets), abriga, há mais de vinte anos, uma importante população originária de Bangladesh.<sup>1</sup> Esse bairro enfrenta enormes problemas sociais e econômicos, crônicos nos *inner city*, áreas britânicas dentro da cidade: desemprego, especialmente entre os jovens, insuficiência de equipamentos escolares, médicos e sociais. Parque de alojamento inadequado, mal equipado e com aparecimento recente de delinqüência juvenil. Tower Hamlets é, segundo um inquérito feito pelo Greater London Council (G.L.C) (Conselho da Grande Londres) no início dos anos 80, a circunscrição mais desfavorecida de Londres, e, segundo o *Index of Social Deprivation for England* (Índice do Desprovemento Social para a Inglaterra) do *Department of Environment* (D.o.E.) [Departamento do Meio Ambiente] em 1981, esse bairro situa-se em terceira posição dentre os 150 distritos ingleses<sup>2</sup>.

---

\* Texto publicado em *Espaces et Sociétés. Revue Scientifique Internationale*, n° 68, Urbanité et citoyenneté. Paris, Harmattan, 1992.

\*\* Escola de Estudos Avançados em Ciências Sociais, Paris.

\*\*\* Departamento de História da PUC-SP.

1 Mais de 50% da população de Spitalfields é de Bangladesh.

2 Os critérios geralmente usados são o desemprego, a superocupação dos alojamentos, o número de famílias monoparentais, aposentados vivendo sozinhos, os alojamentos não têm equipamento de base, a origem étnica dos habitantes, a evolução da população e a taxa de mortalidade dos dois estudos foram citados em D. Wiekers, 1997.

Entre os inúmeros problemas que enfrenta esse bairro de Londres, escolhi tratar os que dizem respeito ao alojamento. De fato, em torno desse assunto cristaliza-se um conjunto de sistemas de representação diferentes para os residentes *whites* (brancos) e para os bangladeshis. As modalidades de acesso ao alojamento, num bairro onde 80% dos aluguéis são compostos por alojamentos sociais municipais, são alvo de percepções divergentes no seio da população local. Território de identificação ou espaço de afirmação, o Spitalfields dos *whites* e o dos bangladeshis parecem vir de concepções contraditórias da cidadania, da legitimidade de cada um desses grupos.<sup>3</sup>

### *Os residentes whites: o território como ponto de identificação*

Spitalfields está no coração de um bairro famoso de Londres: Charles Dickens, os filantropos do século XIX, Jack o Estripador ou os irmãos Kray são todas figuras da mitologia do “East-End” operário, constituindo, com as manifestações anti-fascistas de *Cable Street*, em 1936, e aquelas contra a Frente Nacional, em 1978, as imagens fortes que a mídia nos relembra a cada momento. Mas essa dimensão mitológica não é unicamente construída a partir do exterior; a identificação pelos residentes *whites* de um território restrito, descrito como uma ilha com nítidas fronteiras, no qual se inscrevem relações sociais específicas, constitui, com efeito, uma característica essencial de Spitalfields. As duas características fundamentais das narrativas dos residentes *whites* são uma genealogia familiar ancorada no bairro e uma tradição de hospitalidade para os estrangeiros. Mesmo que as situações de vizinhança familiar tenham sido amplamente reduzidas devido às numerosas destruições provocadas pelos bombardeios da Segunda Guerra, e aos movimentos de migração para as periferias nos anos 60, a proximidade residencial dos membros da família é sempre considerada altamente desejável. A pos-

---

3 Este artigo é, basicamente, tirado do trabalho efetuado no âmbito de uma tese de doutorado (C. Neveu, 1991). Os elementos de análise apresentados aqui vêm de um trabalho de campo, realizado de setembro de 1987 a fevereiro de 1991, no bairro Spitalfields. São fruto de um número importante de entrevistas realizadas tanto com os residentes *whites* quanto com os residentes bangladeshis, como também de discussões com responsáveis municipais, com dirigentes de associações, ou ainda com conselheiros municipais. Essa abordagem permitiu a confrontação dos discursos e dos sistemas de representação dos residentes de Spitalfields com suas próprias práticas, cuja observação se deu graças a uma estadia prolongada no próprio Spitalfields. Essas representações foram, além disso, recolocadas no contexto das políticas municipais e mais globalmente nos debates atuais na Grã-Bretanha sobre o lugar das minorias étnicas.

sibilidade de reivindicar uma filiação local é considerada por vários habitantes *whites* como um critério de pertencimento real ao bairro.

Essa proximidade residencial é, então, circunscrita a um perímetro restrito, que leva a considerar “Mile End”, situado, no máximo, a dois quilômetros de distância, como um outro mundo. Mas a verdadeira “barreira social”<sup>4</sup> para os residentes de Spitalfields, aquela que está mais carregada de sentido e que é repetida por todos, é aquela que faz confronto com Bethnal Green. Esse bairro, que limita Spitalfields ao norte, é descrito como o oposto negativo, o anti-Spitalfields. A tradição de hospitalidade de Spitalfields, sua oposição de longa data ao racismo, que são então postas em contraste com a virulência das reações racistas em Bethnal Green e com a importante implantação do “National Front” nesse bairro. As manifestações contra Mosley, em 1936, e aquelas de 1978, após a morte do jovem asiático,<sup>5</sup> Atlab-Ali, provocada por *skinheads* são, então, apresentadas como provas das convicções anti-racistas dos residentes *whites* de Spitalfields, em discursos que designam Bethnal Green como responsável por distúrbios racistas, insistindo no fato de que os habitantes de Spitalfields nunca participaram dessas demonstrações violentas.

O discurso dos residentes *whites* coloca abertamente a especificidade desse bairro e fixa claramente os limites em relação aos “outros”; e o racismo é um elemento constitutivo dessa linha de demarcação. Mas essa dimensão faz parte de um conjunto mais amplo, aquele que permite definir a coletividade dos “locais”, da “gente da esquina”.

Fora a filiação local (assinalada pela enumeração das ruas de residência dos pais ou avós) e a hospitalidade secular a minorias étnicas, o pertencimento social, de classe, é a terceira característica essencial nessa definição dos “locais”. Spitalfields é, então, descrito como um bairro operário onde as relações sociais são baseadas na proximidade, no convívio de vizinhança caloroso, na troca de serviços e na abertura do domicílio a todos. Essas características são colocadas em oposição ao individualismo e à frieza das classes médias e sua crescente influência sobre o bairro que transforma todos os *pubs* locais em bares de vinho<sup>6</sup>. Não é, então, somente o fato de residir em Spitalfields que

---

4 Ver M. Young e P. Willmott, 1983, que definem no seu estudo *Bethnal Green* “as ruas principais como verdadeiras barreiras sociais”.

5 O termo asiático, na Grã-Bretanha, designa o conjunto dos originários do subcontinente indiano.

6 Sob a pressão da extensão da “City”, a leste, e a reconversão dos *Dock-lands*, a oeste, Spitalfields começa hoje um processo lento, mas real, de “*gentrification*” (termo trazido em francês sem tradução).

permite considerar alguém como “local”, mas seu enraizamento familiar no bairro e o tipo de relacionamento mantido com os vizinhos como sinal de um pertencimento à classe operária da “East End” mítica.

Qual é o lugar reservado aos residentes bangladeshis nessa identificação muito forte dos residentes *whites* com um território? A história de Spitalfields como um local de recolhimento de “imigrantes” de todas as origens, dos huguenotes franceses aos judeus do leste da Europa, passando pelos irlandeses, permite aos residentes *whites* desse bairro inscrever os bangladeshis na continuidade dessa herança. Incluídos na tradição local, estes últimos não são considerados, de chofre, como exteriores ao bairro; mais ainda, certos residentes *whites* insistem no fato de que o pertencimento local não tem nada a ver com a origem nacional, mas com a sinceridade do interesse para com o bairro e seus problemas. Mas essa inclusão formal se choca rapidamente, no decorrer das discussões, quando se enunciam outros critérios de legitimidade, com base, desta vez, no acesso aos recursos disponíveis localmente, critérios que excluem os bangladeshis. O aprofundamento das discussões permite, de fato, trazer à tona um duplo processo, pelo qual, de um lado, os bangladeshis são incluídos na coletividade “local” num sistema de diferenciação face ao “exterior”, representado aqui por Bethnal Green; e, de outro, eles se tornam rapidamente o pólo negativo de referência num sistema de referências e identificações “de uso interno”.

### *O alojamento: um bem fortemente valorizado*

A enunciação dos critérios de legitimidade de cada um, grupo ou indivíduo, para ter acesso aos recursos locais, faz-se com uma regularidade quase obsessiva sobre a questão do alojamento. Essa preocupação onipresente emerge primeiramente nas narrativas familiares: lembranças muito vivas das condições deploráveis de alojamento na infância ou na juventude, reconstituição de uma trajetória residencial lenta das favelas do pós-guerra aos alojamentos municipais de hoje. Essa melhoria progressiva ancorou profundamente no espírito dos residentes *whites* a percepção do alojamento decente como um bem de valor, ao qual é legítimo aspirar, mas que requer um percurso.<sup>7</sup> Daí o setor público sendo passagem obrigatória de toda melhoria das condições de alo-

---

7 É bom salientar aqui que esse percurso residencial é concebido unicamente no quadro de alojamento social, o acesso à propriedade não sendo nunca enunciado como uma meta desejável.

jamento, as autoridades municipais são percebidas como devendo ser os fiadores dos procedimentos de atribuição, respeitando o sistema de legitimidade elaborado pelos residentes *whites*.

As percepções desses residentes se apóiam sobre a forte idéia, segundo a qual um alojamento decente se merece e não pode, portanto, ser exigido por si; os dois principais critérios enunciados para se determinar esse mérito são, de um lado, o enraizamento local e, de outro, a capacidade de cuidar corretamente desse bem fortemente valorizado. O enraizamento local sendo, antes de tudo, familiar e a proximidade residencial das gerações percebida como muito desejável, os residentes *whites* de Spitalfields acreditam que os filhos dos locatários atuais da Municipalidade devem ser prioritários para a obtenção de um alojamento social. A noção de “mérito” se formula segundo dois outros temas. Antes de tudo, a obtenção de um alojamento decente deve corresponder a uma progressão, não ser uma passagem direta da favela para um alojamento novo; em seguida, a atribuição dos alojamentos chamados decentes deve ser feita depois que o locatário potencial tiver demonstrado, por este percurso progressivo, sua capacidade de manter corretamente o alojamento.

É em relação a esses critérios de legitimidade, elaborados por residentes *whites* de Spitalfields, que os bangladeshis são excluídos e que as primeiras fronteiras do discurso anti-racista local aparecem. A palavra “alojamento” é associada sistematicamente aos bangladeshis; estes são, então, descritos como obtendo todos os alojamentos sem esperar suas vezes, desprezando o sistema valorizado da “escala de alojamento”.<sup>8</sup> Um sentimento de injustiça, de uma atribuição pouco equitativa dos alojamentos, até discriminatória face aos *whites*, é, assim, uma constante do discurso daqueles residentes da sua percepção da situação local. Com efeito, os residentes bangladeshis são percebidos como pouco capazes de cuidar “corretamente” de seus alojamentos. O estágio de degradação avançada da maioria das cidades onde estão alojadas as famílias bangladeshis é tomado como a maior prova dessa incapacidade. Os alojamentos novos constituem um ponto ainda mais sensível. Mesmo que poucos alojamentos novos tenham sido construídos nos últimos vinte anos pelo G.L.C., eles foram concebidos para responder a uma necessidade particular dos bangladeshis: aquela dos alojamentos grandes. Essa iniciativa isolada é citada como uma prova de que a Municipalidade favorece os residentes ban-

---

8 Expressão emprestada a John Eade, 1989.

gladeshis porque eles são os únicos a terem famílias numerosas e, portanto, a terem acesso aos alojamentos novos.

Passagem direta das favelas a alojamentos novos, desrespeito à ética local que quer que o gozo de um alojamento decente seja o resultado de um percurso residencial progressivo, tratamento privilegiado por parte das autoridades municipais, a percepção dos residentes *whites* coloca os bangladeshis numa situação favorecida tão mal aceita que ela se torna profundamente ilegítima. Ora, essa percepção se acha em completa defasagem em relação à realidade local em matéria de acesso aos alojamentos públicos. Portanto, ela se mostra reveladora de outros processos, para além de uma “simples” disputa por alojamentos.

### *Percepções em ampla contradição com a realidade*

A frequência da menção dos bangladeshis quando se fala em alojamento se explica, em parte, por uma realidade incontornável: na enorme concorrência para a obtenção de alojamentos e a dependência em relação às autoridades locais, que detêm mais de 80% do parque imobiliário de Tower Hamlets, as famílias bangladeshis são os únicos “concorrentes” sérios das famílias *whites* locais. A segunda realidade que explica o lugar de destaque ocupado pelo alojamento em Spitalfields é que esse artigo tão valorizado pelos residentes *whites* é um artigo raro considerando as necessidades locais. A superpopulação dos alojamentos em Spitalfields é 58 vezes superior à média nacional, um terço dos alojamentos não dispõe de uso exclusivo dos equipamentos de base (banheiros, etc.)<sup>9</sup>; 40.450 dos alojamentos pertencentes à Municipalidade de Tower Hamlets (num total de 48.778) foram construídos após 1945, mas muitos imóveis estão em estado de degradação ou são subequipados. Desde 1965, a Municipalidade não construiu nenhum alojamento novo, e só uns 200 alojamentos foram construídos recentemente pelo extinto G.L.C.

Essa homogeneidade estatutária do parque de alojamentos em Tower Hamlets esconde, entretanto, uma grande diversidade de condições. Certas cidades apresentam, assim, imóveis velhos em tijolos dos anos 50, com apartamentos servidos por circuitos externos, outros reagrupam pequenos imóveis recentes, dotados de pequenos jardins e

---

9 47% dos alojamentos de Tower Hamlets foram considerados como insatisfatórios em 1987. Fontes: C.R.E., 1988 e Tower Hamlets Housing Strategy Unit, 1989.

varandas. Além disso, essa diversidade de aparência física e de conforto se junta a uma outra: a da origem “étnica” dos locatários. As mais velhas cidades são majoritariamente habitadas por famílias bangladeshis, enquanto que as mais recentes abrigam a maioria, se não a totalidade, de famílias *whites*.<sup>10</sup>

E essa situação de super-representação dos bangladeshis nos piores alojamentos, mas também entre as famílias sem desabrigo, morando nos “Bed and Breakfast”<sup>11</sup> ou aquelas em situação de superlotação que havia levado a “Comission for Racial Equality” (Comissão pela Igualdade Racial) a fazer, de março de 1986 a novembro de 1987, um inquérito oficial sobre a política de atribuição de alojamentos da Municipalidade de Tower Hamlets. Esse inquérito, que concluía que a Municipalidade de Tower Hamlets era culpada por discriminação em relação aos bangladeshis e por desrespeito ao “Race Relations Act” (Ato de relações raciais) de 1976, seguia de perto uma pesquisa encomendada pela G.L.C., em 1984, pouco antes da transferência do seu parque imobiliário para a Municipalidade de Tower Hamlets.<sup>12</sup> O relatório de Deborah Phillips demonstrava amplamente a existência de um tratamento diferenciado dos requerentes de alojamentos públicos *whites* e bangladeshis e a exclusão dos últimos do acesso a apartamentos de melhor qualidade. Fora os efeitos indiretos das regras e procedimentos de atribuição, D. Phillips indicava a existência de numerosos outros fatores que reforçavam os efeitos induzidos por essas práticas, como, por exemplo, os problemas de língua levando à má compreensão ou a uma comunicação imperfeita das regras e da informação que diz respeito ao requerentes bangladeshis que, às vezes, falam pouco o inglês.

Esse relatório apontava também uma série de fatores mais preocupantes, levando a uma situação de segregação no alojamento público. Esses fatores incluem os “preconceitos e estereótipos” do pessoal municipal em relação aos requerentes como, por exemplo, o ponto de vista comum no serviço municipal de alojamento, segundo o qual

---

10 Ver D. Phillips, 1986.

11 69% das 700 famílias sem teto de Tower Hamlets são bangladeshis. Aos termos da Housing Homeless Persons Act (moradia para pessoas sem abrigo) as autoridades locais têm a obrigação de realojar as famílias que não a tem. Entretanto se elas podem fornecer a prova da “intencionalidade” dessa situação (em vista de obter um realojamento), elas podem não ser mais obrigadas a fazê-lo. As autoridades municipais de Tower Hamlets conseguiram provar que as famílias bangladeshis sem teto eram intencionalmente sem abrigo, uma vez que deixaram suas casas em Bangladesh.

12 O parque de alojamentos de G.L.C. foi transferido para as diferentes municipalidades quando da dissolução dessa autoridade da Grande Londres, em 1986. Ver D. Phillips, 1986.

todos os requerentes das mesmas minorias étnicas devem ser alojados nas mesmas cidades (*cités*). Deborah Phillips levava, também, em conta as práticas visando à exclusão dos bangladeshis de certas cidades, em todos os níveis do processo de atribuição. Pressões são exercidas por locatários *whites*, tendo em vista interditar o realojamento de famílias bangladeshis em “suas” cidades, pressões às quais os serviços municipais de alojamentos cedem, em geral, bem rapidamente. Por exemplo, locatários declaram que não gostariam de ver famílias bangladeshis se instalarem em “suas” cidades, argumentando os incômodos olfativos que isto poderia provocar; um relatório interno dos serviços municipais menciona, então, as dificuldades das autoridades municipais para realojar as famílias bangladeshis com “hábitos sociais e culinários diferentes”, que “muitos locatários acham (...) inaceitáveis e as suas objeções certamente não são racistas mas, quando muito, tradicionais<sup>13</sup>.” Tudo indica, então, que, em certas localidades, os locatários sejam suficientemente influentes, ou tenham os ouvidos atentos ao Departamento de Alojamentos para fazer valer suas “objeções tradicionais” à instalação de novos locatários bangladeshis. Mas oposições deste tipo podem assumir formas muito menos discretas. Assim, não é raro que “comitês de acolhimento” mais ou menos fortes cheguem a desencorajar locatários asiáticos potenciais de aceitar o alojamento que lhes é proposto, pichando a fachada do imóvel com grafites racistas ou proferindo ameaças verbais. Segundo todos os indicadores possíveis (conforto dos alojamentos, superlotação, tempo de espera para um realojamento, tipo de alojamentos propostos, concentração nas zonas mais degradadas do bairro) os residentes bangladeshis de Tower Hamlets, e particularmente de Spitalfields, têm um tratamento nitidamente menos desfavorável do que os residentes *whites*.

### *Os residentes bangladeshis: um espaço a constituir*

Como explicar, por aí, a existência de tamanha defasagem entre as percepções dos residentes *whites* e a realidade local? Para entender isto é preciso considerar as percepções e as práticas dos bangladeshis, a fim de redimensionar as reações sobre o alojamento dentro de sistemas de representações mais amplos, que dizem respeito à legitimidade de grupos e/ou indivíduos em presença no acesso aos recursos locais. Os

---

13 *Bengalis in Better Quality Housing*, memória interna do Departamento de alojamento, citada por D. Phillips, 1980.



bangladeshis morando em Spitalfields não têm o mesmo discurso dos *whites*, de apego sentimental ao território local. Se um grande número de bangladeshis não quer deixar Spitalfields não é por causa de um apego desta ordem, mas em consideração aos recursos reais e simbólicos que aí são disponíveis. O primeiro tipo de recurso é duplo.

Os setores da confecção, fortemente implantada em Spitalfields sob a forma de oficinas de todos os tamanhos, e da restauração indiana<sup>14</sup> fornecem as duas principais fontes de emprego para os bangladeshis, as exigências de horário e sazonais deste tipo de emprego obrigam os bangladeshis a morar nas proximidades do local de trabalho, ligando-os, portanto, a Spitalfields e suas vizinhanças. Mas se essas exigências econômicas podem ter um papel importante para a população bangladeshí, elas não podem explicar por si sós o desejo desta de ficar em Spitalfields. É necessário, então, fazer interferir um outro fator, essencial para a compreensão das “escolhas” residenciais dos bangladeshis: o nível elevado das agressões racistas nos outros setores de Tower Hamlets. Desde a bomba incendiária jogada na caixa do correio, os vidros quebrados, passando pelos ataques físicos afetando indiscriminadamente homens, mulheres e crianças, chegando até ao assassinato, o grau de violência contra os bangladeshis em certos bairros de Tower Hamlets já foi objeto de numerosos relatórios e é um dos principais assuntos de preocupação dessa população.<sup>15</sup> Nessas condições, não é de estranhar que a maioria das famílias bangladeshis peçam para ser alojadas em Spitalfields e suas vizinhanças. Esse perímetro é de fato um dos quais onde se tem menos agressões racistas e é considerado um dos mais seguros de Tower Hamlets.

O apego dos bangladeshis a Spitalfields é portanto, de uma natureza completamente diferente daquele expresso pelos residentes *whites*. Este é de fato baseado em razões principalmente positivas (qualidade das relações sociais, valorização de um modo de vida “operário”, etc.), quando a escolha de muitas famílias bangladeshis é o resultado de um duplo jogo de coações na atribuição dos alojamentos públicos e na frequência das agressões racistas. Mas se as coações exteriores pesam muito nas escolhas expressas pela população bangladeshí, é preciso levar em conta também o papel específico que representa Spitalfields para ela.

---

14 Os bangladeshis originários da região de Stylhet (90% dos residentes de Tower Hamlets) adquiriram um certo monopólio no domínio da restauração indiana.

15 Ver o relatório do *G.L.C. Police Committee* (comitê de polícia), 1984.

Base histórica dos pioneiros da imigração bangladeshi, essa parte de Tower Hamlets abriga um grande número de serviços para esta população. Brick Lane e suas vizinhanças oferecem em inúmeras lojas toda a gama de produtos alimentícios e de vestuário que ela procura; é também nesse bairro que os principais centros religiosos estão concentrados (London Lanne Masjid e East London Mosque), assim como a maioria das associações oriundas da imigração bangladeshi.

Spitalfields constitui, para a população bangladeshi, não somente das vizinhanças, mas de toda Londres, um pólo de atração comercial, cultural, religiosa e política. Ao apego forçado dos bangladeshis à Spitalfields se acrescenta, apesar de tudo, um aspecto mais positivo, o de um local onde vêm se entreter e se manter algumas práticas religiosas e sociais, e onde a vida da população bangladeshi como coletividade se faria sentir sensível através das atividades de associações. Dentre estas, as celebrações das festas nacionais bangladeshis ocupam um lugar importante; o pertencimento à nação bengali é então celebrado, inclusive em nome de uma inscrição dinâmica dos jovens bangladeshis na sociedade britânica.<sup>16</sup>

O espaço local de Spitalfields será então para os bangladeshis, ao mesmo tempo, um local aleatório de trocas, criado pelos acasos de sua história migratória e de seus condicionamentos sociais e estruturais em Tower Hamlets e um local de afirmação de uma presença prolongada e dinâmica na Grã-Bretanha. A identificação significativa parece se situar mais do lado de uma coletividade, a “comunidade bangladeshi”, cuja existência não é definida somente com base num território partilhado, mas pela afirmação de uma presença e na reivindicação de direitos. A ancoragem territorial, se é indispensável para a expressão dessa afirmação, torna-se então secundária em relação à reivindicação de um reconhecimento social e político completo.

### *Território e espaço: duas concepções da legitimidade dos cidadãos*

Por trás das diferenças de percepções do bairro estão em jogo diferentes concepções de legitimidade e de cidadania. No acesso aos recursos locais e particularmente ao alojamento social, operam dois sistemas de legitimidade. Os bangladeshis, pelo inter-

---

16 Celebração do “dia dos mártires” em fevereiro, para comemorar a repressão violenta, pelo exército paquistanês, do movimento estudantil em favor da língua bengali, ou do “dia da vitória”, em dezembro, marcando o aniquilamento das forças armadas paquistanesas quando da guerra da independência em 1971. Para mais detalhes sobre a importância simbólica dessas celebrações ver Catherine Neveu, 1991.

médio de numerosas associações por eles formadas, através de estruturas de consulta com as autoridades municipais, ou também dos eleitos locais dessa população e/ou que lhes sejam favoráveis, baseiam seus pedidos e reivindicações sobre uma legitimidade fruto das necessidades. Antes de tudo, sua situação particularmente desfavorecida é a primeira a ser mencionada e a urgência das necessidades de um grande número de famílias bangladeshis vivendo em condições que acentuam as dificuldades que elas podem encontrar em matéria de saúde ou de educação.<sup>17</sup> Paralelamente a essa retórica das necessidades se desenvolve a afirmação de uma presença e a exigência de uma concretização da igualdade formal dos direitos dos quais gozam os bangladeshis.<sup>18</sup>

A preocupação principal da população bangladeshí não é a de delimitar as fronteiras exatas de um território no meio do qual a sua “visão do mundo” se construiria. A maioria desses residentes está pronta a deixar Spitalfields para outros bairros de Tower Hamlets, desde que lhes sejam garantidos uma proteção mínima contra as agressões racistas e um acesso igual aos serviços sociais. O seu engajamento associativo e/ou político se apóia então na vontade de se constituir um espaço de legitimidade cuja fonte não seja a implantação territorial em Spitalfields como tal. O que eles procuram é, antes, um reconhecimento global da legitimidade da sua presença e de suas demandas, o fim daquilo que eles percebem como uma situação de “cidadãos de segunda classe”, uma inscrição positiva e socialmente reconhecida num espaço social e político, aquele da sociedade britânica, esse espaço a ser conquistado não se dá como eixo de referência ao pertencimento ao bairro. Dizendo de outra maneira, não é como residentes de Spitalfields que a população bangladeshí reivindica o acesso aos alojamentos sociais e aos serviços municipais, mas como cidadãos britânicos, gozando do mesmo estatuto que seus vizinhos *whites* e devendo ter acesso aos mesmos direitos.

Essa afirmação se faz por modalidades complexas; de fato, o bairro Spitalfields desempenha um papel essencial como “ponto reunião”, centro social e cultural para a população bangladeshí. Existe uma vontade crescente, numa fração dessa população, de obter uma espécie de reconhecimento oficial dessa característica local, é assim que, nos debates sobre a renovação necessária do bairro, vozes se fazem ouvir para preservar

---

17 Por exemplo, as famílias sem abrigo que vivem nos *Bed and Breakefast* têm grandes dificuldades para fazer seus filhos seguirem uma escolaridade regular.

18 Relembremos, de fato, que os bangladeshis como as outras minorias étnicas oriundas dos Commonwealth, se beneficiam, na Grã-Bretanha, do pleno gozo dos direitos de cidadãos, e isto qualquer que seja sua nacionalidade (britânica, bangladeshí, ou dupla).

e reforçar seu caráter “étnico”, fazendo dele “Banglatown”, ou seja, o equivalente bangladeshi de Chinatown de “Soho”.<sup>19</sup> Trata-se, então, além da vontade de alguns de se beneficiarem do desenvolvimento do turismo local, de afirmar uma presença, de formalizar na paisagem urbana uma instalação duradoura, de obter um reconhecimento da sua presença por uma “marcação étnica” que se torna positiva e valorizada. Entretanto, esses signos de uma vontade de “territorialização”, de inscrição num local determinado, praticamente nunca se expressa em modalidades “isolacionistas”, de recurso “comunitário”; ao contrário, todas as descrições de Spitalfields como um “gueto bengali” se chocam com uma franca oposição.<sup>20</sup> De fato, o que é rejeitado nessa imagem do gueto é uma estigmatização de estranhamento à manutenção das populações geradas pela migração num estatuto de “corpo estrangeiro” do qual qualquer concentração será essencialmente um problema. Tratar-se-ia, então, de afirmar a dimensão positiva de especificidades mantidas no quadro mais global de uma igualdade real dos direitos.

A afirmação pelos bangladeshis de um duplo sistema de identificação, “comunitário” de um lado, e como cidadãos britânicos, de outro, mostra, então, estar em concorrência com aquela dos residentes *whites*, baseada num território. Quando, para estes últimos, o enraizamento local e a filiação são os indicadores mais pertinentes na escolha dos “que têm direito” aos serviços municipais, a percepção dos bangladeshis não reconhece esses critérios como a única fonte do acesso legítimo aos recursos, e se choca de frente com as percepções dos *whites*. De fato, estes baseiam a avaliação da legitimidade de cada um sobre critérios radicalmente diferentes. Por um lado, o seu pertencimento à sociedade dominante torna implícito seu gozo de um espaço de expressão e de legitimidade; essa identificação “natural” com as instituições, sua inscrição nas relações de dominação estruturando a sociedade britânica, podem dispensá-los da procura ativa de um espaço social e político de reconhecimento. Este encontra, então, a sua expressão na definição de um espaço territorializado, estritamente delimitado, definição cuja força lhe permite, se for este o caso, marcar uma diferenciação simbólica

---

19 *Chinatown do Soho no West End de Londres* é o bairro chinês de Londres com seus bancos, supermercados, restaurantes, livrarias. A entrada nesse bairro é marcada no paisagismo por uma porta monumental no estilo da “Cidade Proibida” de Pequim e a visita desse bairro faz parte de qualquer circuito turístico da “Londres exótica”.

20 Vale a pena notar que a terminologia do “gueto”, tão corriqueira na França, é amplamente rejeitada na Grã-Bretanha. Não só a concentração de populações de origem imigrante em bairros específicos não é nunca descrita assim, como são sobretudo os subentendidos negativos do termo gueto que são rejeitados.

em relação a certos aspectos dessa sociedade dominante, como o racismo, por exemplo. Confrontados, então, com o esfacelamento de suas referências tradicionais, à acentuação dos problemas sociais e econômicos em Spitalfields e a intensa atividade do movimento associativo bangladeshi, como também a uma paisagem local em plena evolução, que tende a fazer desaparecer sua presença,<sup>21</sup> os residentes *whites* constituíram, pouco a pouco, uma imagem de si próprios como uma minoria que teria perdido o controle da realidade. A expressão pelos residentes *whites* desse sentimento de “serem postos em minoria”, de uma impotência de agir sobre seu meio ambiente, não se transcreve necessariamente num aumento da hostilidade direta em relação a seus vizinhos bangladeshis. De fato, é a Municipalidade que é acusada de ter “traído” o pacto implícito com eles, aquele segundo o qual, entre outros, um alojamento decente se merece e necessita de uma ascensão progressiva. Apesar das primeiras afirmações, haveria aos olhos dos residentes *whites* “locais”, mais “locais” do que outros e a solidariedade face ao racismo, supondo-se emanar unicamente de fora de Spitalfields, dá espaço para uma rejeição dos bangladeshis em nome de uma identificação muito forte com uma coletividade cuja primeira base de apreensão é territorial. Essa defasagem crescente entre a identificação dos residentes *whites* com a sociedade dominante, de um lado, e seu forte sentimento de impotência para influir na realidade, de outro lado, pode induzir ou sobretudo acentuar o recuo dos residentes *whites* sobre um território restrito. Essa “crispação” diminuindo a escala de referências poderia, então, fornecer-lhes um modelo explicativo dessa inadequação.

A política seguida pela Municipalidade liberal eleita em 1986 forneceria uma confirmação dessa análise de diferentes percepções dos habitantes de Spitalfields. A aliança liberal hoje majoritária em Tower Hamlets direciona o eixo de sua campanha eleitoral, primeiramente, e da sua política, em seguida, sobre a prioridade de devolver à “gente do lugar”, os *whites*, face aos “recém-chegados”, os bangladeshis. Assim ela recolocou em vigor o “Sons and Daughters Scheme” (Projeto Filhos e Filhas) que permite a atribuição de pontos suplementares para o acesso a um alojamento público aos filhos dos locatários atuais.<sup>22</sup> Ela adotou uma política “cega às cores” (*colour blind approach*)

---

21 O desaparecimento dos comércios de proximidade “autóctones” (açougues, peixarias, padarias) em proveito de lojas dirigindo-se principalmente a uma clientela bangladeshi é freqüentemente indicada como um aspecto central das mudanças em Spitalfields.

22 Esta política favorece abertamente os residentes *whites* que têm, por um lado, mais chance de ter um parente locatário da Municipalidade que os bangladeshis e, por outro, têm mais freqüentemente filhos em idade de se beneficiar do plano. Tal sistema já existia na época do G.L.C., mas tinha sido suprimido

em nome da qual ela se recusa a qualquer ação específica destinada aos bangladeshis. O sucesso eleitoral ainda mais nítido dos liberais nas eleições municipais de 1990 indica que essa política de volta ao eleitorado *white* seduz um número crescente desses residentes, as tensões entre residentes *whites* e bangladeshis vão se agravando, inclusive na própria Spitalfields e a legitimidade de acesso dos bangladeshis aos recursos públicos locais é cada vez mais abertamente recusada. Ainda é difícil dizer quem ganhará a proteção da “gente do lugar” ou a consideração igualitária das necessidades das populações locais. A forte reemergência de associações de extrema direita,<sup>23</sup> desde as eleições de 1990, como também a multiplicação das agressões racistas não deixam de ser preocupantes.

---

no início de 1984, a fim de limitar os procedimentos “que tendiam a discriminar indiretamente contra os lares oriundos de minorias”. V. D. Phillips, 1986. Mais recentemente a comissão pela igualdade racial mencionou esse tipo de práticas como exemplo de discriminação racial indireta. C.R.E, 1990.

23 É o caso da campanha *Rights for Whites* lançada em 1990 pelo *British National Party*, encorajando a população *white* a exigir prioridade absoluta em todos os campos da vida social e política local.